

ETNOGRAFIA

As “Cabanas” da Assafarja

(CONCELHO DE COIMBRA)

POR

VERGÍLIO CORREIA

(CONSERVADOR DO MUSEU ETNOLOGICO)

COM 4 DESENHOS DE ALBERTO SOUSA)

Separata da *Águia* — Janeiro de 1915

Tipografia da «Renascença Portuguesa» — Pôrto — 1915

DO AUTOR

ARQUEOLOGIA

A igreja de Lourosa da Serra da Estrela 1912

LISBOA PRÉISTÓRICA:

- I — A estação neolítica dos Sete Moinhos 1912
- II — A estação neolítica de Vila Pouca (Monsanto) . . . 1912
- III — A estação neolítica da Cêrca dos Jeronimos . . . 1913

ETNOGRAFIA

- Velhos teares do Concelho de Coimbra. 1912
- A Arte no Sal 1914
- Os Pesos de tear 1914
- As Cabanas da Assafarja (Concelho de Coimbra) . . . 1915

AO EXCELENTÍSSIMO SENHOR

DR. JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS

Fundador do primeiro Museu etnográfico português

D. e O.

O AUTOR.



LEGUA e meia de Coimbra para o Sul, seguindo primeiro a estrada ribeirinha dessa encantadora margem esquerda do Mondego, das *lagrimas de Inez e da Lapa dos poetas*, e metendo depois por caminhos velhos direito aos montes de aspeto sombrio que fecham o horisonte, topa-se, adiante dos Carvalhaes, com o cabeça de Santo Amaro, elevação mamelonada e maciça em cujo topo se ergue melancolicamente isolada entre pinheiros, a capelinha do Santo que deu o nome ao lugar.

Santo Amaro, a cuja especial competencia está entregue o compôr os braços e pernas que os medicos e os alveitares deixaram sem concerto, deve sentir-se ali bastante só na sua modesta casa semi-arruinada e considerar amargamente dos passados esplendôres. Das muitas romarias que em tempos idos se faziam em volta do adro da sua capela, uma só resta, a do primeiro domingo de agosto, e essa mais aproveitada para deleitoso passeio dos coimbrões, do que para devotas manifestações de fé.

O panorama esplendoroso que desde o alto se desenrola para o olhar, ora por sobre o cachoar giganteo e disforme das serras que vêm das bandas do nascente, desde o Colcorinho da longinqua Estrela, até ao Castelo Trevim da Louzã, ora no espraiair socegado e ubere dos saudosos campos do Mondego e no morrer difuso das colinas que se perdem na neblina que precede o mar, lá para o pôr do sol, é de molde a fazer concentrar a atenção mais sobre as maravilhas da natureza do que nos milagres do santo, ingenuamente representados em toscas figurações de pernas e braços, mãos e pés de cêra e de madeira que o caruncho entrou a encher de combinações de gravuras e a humidade a patinar do negro sujo das cousas abandonadas ao tempo.

Depois, a feira de Santo Amaro foi-se tambem com as romarias. Na vespera do S. Bernardo ⁽¹⁾ cahia no arraial que se formava em volta do santuario, o poder dos lavradôres e ganhões de quatro e cinco leguas em redor. Vendiam-se ali, livres de terrado e alcavalas, toda a ferragem agricola necessaria aos trabalhos do campo, cereaes e sementes para as culturas. Subiam até lá as moças planturosas e solidas das bandas do Campo, habituadas a ajudar aos homens no trabalho da terra, pernas grossas e torneadas a aparecer sob a roda batente das saias, chale traçado sobre o hombro esquerdo, lenço escorrendo costas abaixo, solto; e as meninas miudas e franzinhas das bandas dos montes, costumadinhas ao conchêgo caseiro do

(1) « Diccionario Geographico ». P.^e Luiz Cardozo., Tomo I, pag. 631.

tear, rostos ovaes e macios emoldurados nos lenços, chales cahindo em posições de manto mediterrânico, corpetes e aventaes debruados e arrendados, de linho alvo que as suas mãos diafnas haviam tecido e bordado.

Acorriam os lavradôres de longe, os de Condeixa e de Soure,



Fig. 1 — *Cabana da Assafarja*,
de base quadrada.

os das planuras, a cavalo, trazendo sentadas á garupa as suas donas, altos e louros, mostrando o sangue antigo das invasões; os de Miranda e Penacova e Poiães e Louzã, os das serras, apeados e bisonhos, escuros e ratinhos, tocando a boiada de olhos mansos. Gente ribeirinha do Mondego, os homens de *sacos* pardos sobre as cabeças rapadas, as mulheres de capucha de burél cobrindo as espaldas arqueadas, misturavam-se com *família* das *gandaras*, resistente e despenhada, de pés descalços e grandes chapeirões. Povinho de Coimbra, impando basofias, passeava a sua elegância tãful e endo-

mingada entre a mancha pardacenta ou clara dos montesinos e dos campaniços, e um ou outro estudante cahido ali por acaso, meias pregueando da caminhada sobre os sapatos cambados, dava a nota clerical ao ajuntamento com a negrura da samarra desbôta e do manteu.

E o Santo lucrava a valer com a feira: na sua esmolneira choviam as mealhas dos devotos, e o seu ermitão, trazendo pendurada do pescoço uma perna de pau, votiva como as outras — a *perna de Santo Amaro*, ⁽¹⁾ lamuriando, insistindo, infiltrando-se nos grupos galrões ou reservados, embolsava copiosos reaes que muito honestamente endireitavam as finanças do Santo, e... as próprias.

Mas tudo isso la vae. Agora o alto é desolado e sosinho e raramente os grupos foliões perturbam a tranquillidade do ambiente, adormecido no passado.

*

Ora sobre o cabeço de Santo Amaro e em volta dele, chamam a atenção de quem o visita hoje algumas construções de pedra solta, sem aparelho algum, casotas troglodíticas de calhaus que parecem sahidas de tempos antehistoricos, conservadas por milagre naqueles ermos. São as *cabanas*, abrigos dos trabalhadores ruraes e dos pastores em horas de chuva estugada e pedraços bravios e roncantes.

A região, com seus calcareos que a cada passo estão rompendo a camada do *humus*, e mostrando a descoberto as bancadas furadas

(¹) «Dic. Geog.». Tom. I, pag. 632.

e carcomidas, indicou ao homem o melhor modo de a aproveitar. As pedras que afloram são quebradas á marreta e a tiro, e como nas encostas, por brandas, o material não pode ser empregado á moda do Douro para formar paredes de *calços*, colocam-na pelas extremas em monte, ou em *morouços* altos e circulares pelo meio das terras.

Com tanta materia prima á disposição, era facil imaginar a formação de um abrigo que ao mesmo tempo arrumava pedra e podia proteger das imtemperies nas *folhas* ou *courelas* afastadas dos povoados. A propria natureza estava dando o exemplo. Desde Coimbra a Condeixa e depois pelas serras de Penela e Ancião, o calcareo abre frequentemente em covas e *algáres* de todas as dimensões; nos Alqueves (a celebrada caverna preistorica por detraz de Santa Clara), nos Carvalhaes, na Quinta do Limoeiro, em Antanho, no Orelhudo, na Eira Pedrinha, em Conimbriga. etc. Substituir as grutas por abrigos construidos da mão humana, imitando as lapas naturaes, ocorria ao lavrador e ao pastor de todos os tempos.

Esta teria sido pois a origem organica das *cabanas*; o modo de construção porém, os metodos seguidos, devem filiar-se numa remotissima tradição popular que alcança os tempos preistoricos e os monumentos do fim do neolitico, no nosso país.

As *cabanas* de pedra que rodeiam o cabeça de Santo Amaro, apparecem com tres tipos definidos; são quanto á forma, retangulares, quadradas e redondas.

1.º Retangulares. Sobre duas paredes de pedra solta, paralelas, unidas num dos topos por um outro muro, colocam os rusticos alvanéos duas ou tres lages a toda a largura do vão, fabricando uma toca acanhada, utilisavel por animaes, difficilmente por gente. É o tipo de construção mais primitivo e que lembra pela disposição do material, certas *antas*, em especial a do Monte das Camelas (Pendão de Belas) descrita por Carlos Ribeiro ⁽¹⁾.

Em algumas casotas deste tipo, a natureza fornece além da pedra miuda um outro elemento importante, o banco de calcareo liso e pouco elevado em cima de que se vem firmar duma banda a cobertura de lages, apoiada da outra em parede, para formar assim uma especie de preistorico *abrigo sob rocha*.

Nas duas variantes da forma retangular não existe porta; todo um lado do retangulo serve de entrada.



Fig. 2—*Cabana* de base quadrada, com remate ornamental sobre a abobada.

⁽¹⁾ «Estudos Prehistoricos.» II. Monumentos Megalithicos das visinhanças de Belas — pag. 72. fig. 69.

2.º Quadradas. Neste tipo de construção, que melhor poderia chamar-se de base quadrada, esta é sempre um quadrado mais ou menos regular, aparecendo na disposição subsequente, tres variantes: a) a largura da base mantem-se até á altura em que começa o teto; b) o corpo do edificio vae estreitando á medida que sobe, armando em piramide truncada: c) a forma quadrada conserva-se no exterior, mas o interior arredonda.

3.º Redondas. A base circular aguenta duas especies de construção: d) o tronco do edificio mantem-se cylindrico até ao teto; e) ou vae estreitando á medida que se alça, ficando em cone truncado.

Nos dois ultimos tipos, o modo de edificação é identico; uma parede de blocos secos, mas unidos, espessa meio metro e mais, segura um teto de pedra de feitio especial e notavel. Sobre o topo dos muros parietaes são dispostas sucessivas fiadas de pedras, umas sobre as outras, mas em sacada, sobrepondo-se em avançamento, no sistema que os francezes chamam *en encorbellement* e os italianos *volta schiacciata*, até que reunidas ao centro contra um fecho irregular, deixam formada uma abobada primitiva, que recoberta de pedras miudas, e por vezes de terra, abriga completamente a pequena area da casota.

Se as *cabanas* são redondas, a cobertura corre naturalmente na sua ascenção conica ou em calote, para o fecho; se são quadrangulares, uma pedra maior, a cada esquina, ajuda a fazer a transição para o sistema anterior. A superficie delas é porém tão acanhada, aproximadamente 4 metros quadrados, que apesar da pedra ser empregada a secco, facilmente se cobrem.

Algumas vezes (Fig. 2) como ornamento, colocam no cimo do telhado uma pedra esguia e aguçada, a modo de grimpá, que dá ao edificio o extranho aspeto de um tumulo da idade do ferro, dos que tão bem tem sido estudados na Italia ⁽¹⁾.

Resta-me falar das portas. Podem seguir-se nas figuras as suas diversas maneiras; o portal, ou é constituido pelos proprios blocos de parede (Fig. 1, 2 e 5) ou por monolitos semi-afeiçoados, de grandes dimensões, como na figura 4. A verga é sempre uma lage sufficientemente longa para cobrir o vão da abertura. Janelas não ha. Algumas vezes, para melhor iluminação dos interiores, deixam sobre a verga um postiguinho triangular, formado pelo mesmo processo construtivo que se nota em todas as casas arruinadas dos seculos XVII e XVIII na Estremadura; sobre os vãos, para ajudar as vergas a aguentar o peso das paredes, fazendo o papel dos nossos sobre-arcos de tijolo, metem duas pedras encostadas em angulo de 45 graus (fig. 5).

É bastante arcaico este processo. Encontramo-lo empregado, por exemplo no *Tesouro de Atreu*, o celebre e monumental tumulo cupoliforme de Micenas e no seu visinho *Tumulo de Clitemnestra* ⁽²⁾.

⁽¹⁾ «La Civilization primitive en Italie» — Montelius. A fig. 2 é reproduzida das — Planches — Serie B. Pl. 165 fig. 6.

⁽²⁾ «La Preistoria I. Escursioni nel Mediterraneo e gli Scavi di Creta» — Angelo Mosso. Milano 1910, a pag. 145, fig. 74.

Mas não é só em volta do cabeço de Santo Amaro que as *cabanas* se mostram com frequencia. Ha muitas por toda a freguezia de Assafarja, junto da Palheira, onde quadradas no exterior, arredondam por dentro, pelo meio das vinhas até ás Béras de Almalaguez, para as bandas de Sernache e Cegonha; todas mais ou menos dentro de um grande triangulo que apanhasse na sua area o espaço que vae de Santa Clara a Sernache, dahi a Almalaguez e desta terra de tecedeiras á Cidade.

Quando por fins de 1908, andando a percorrer os arredores de Coimbra, deparei com estas construções primitivas, julguei que havia feito o descobrimento de mais um capitulo inedito de Etnografia Portuguesa. Não era bem assim.

Em 1910 sahia a lume em Leiria, uma publicação ⁽¹⁾ em que se estudavam alguns exemplares de casotas de pedra iguaes ou semelhantes ás da Assafarja, encontradas no concelho de Castelo Branco, com o nome de *queijeiras redondas* ⁽²⁾, e na Serra da Estrela com o de *cabanas*.

E, eis o milagre da multiplicação, que na Arqueologia se repete a cada facto novo e importante; esse descobrimento era a consequencia de outros que faziam agitar os estudiosos da especialidade na Europa meridional durante o primeiro decenio do seculo XX. As *cabanas* apareciam na Italia, na Sardenha e na Sicilia, nas Baleares e na Berberia. Quando não era com o tipo simplifcadissimo de que os exemplares portugueses dão mostras, era com modelos aperfeiçoados e engrandecidos dele.

Arturo Issel em especial, tanto na sua obra sobre a Liguria Preistorica ⁽³⁾ como no relatorio que apresentou ao I Congresso de Antropologia e Arqueologia de Monaco em 1906 ⁽⁴⁾, descreveu com rara clareza scientifica varias dessas edificações de pedra que, exceptuando as barracas campesinas de palha, dos pastôres e guardas de propriedades, são as construções de tipo mais primitivo que existem sobre terras da Europa. Taes edificios, chamados na Italia e nos Alpes maritimos francezes, *cabanne*, *caselli*, *caselloni*, *casoni* e *cabanons*, são como os de Portugal formados de paredes de pedra seca e irregular, do feitio de tronco de cone ou de cilindro, cobertos por uma abobadasinha de lages em sacada, com uma só abertura, a porta, e

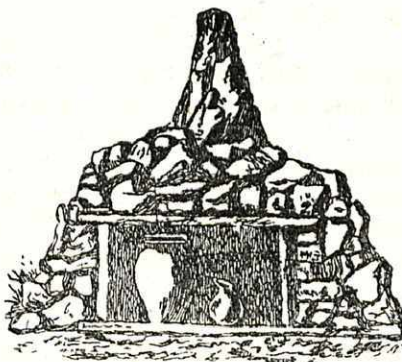


Fig. 3—Tumulo italiano da idade do ferro, com disposição identica á da fig. 2.

⁽¹⁾ Sobrevivencias, Typos e Costumes — Tavares Proença — Leiria, 1910.

⁽²⁾ Deve dizer-se que esta designação parece demasiado especial para ser adoptavel. Lá porque em algumas *cabanas* se fizeram queijos não é razão para que todas as casotas-abrigos da região tenham essa denominação e destino.

⁽³⁾ «Liguria Preistorica» — A. Issel. Genova 1908, pag. 609 e seg.

⁽⁴⁾ «Compte-Rendu» — Monaco 1907. Tomo I, pag. 250.

3 a 4 metros quadrados de superficie, servem « di temporario rifugio agli agricoltori, ai pastori ed ai falciatori di fieno, e si trovano di preferenza nelle regioni montane ».

É flagrante, como se vê, a semelhança de nome, tipo e destino das *cabanas* portuguesas e estrangeiras. Ao descobrimento pretendeu-se ligar todo o genero de edificações primitivas de base circular, e falou-se para o efeito das celebres urnas-cabanas funerarias do Latio e da Etrúria, de que nos patenteiam tão belos exemplares os museus de Roma e Florença, dos *nuraghi* da Sardenha, dos *trulli* do sul da Italia, que o Sr. Bertaux na sua carreira aventurosa pela Arte teve tempo de descrever, etc. Por esse andar, não contando com os elementos valiosos da etnografia africana, podiamos até falar dos *naous* do norte da Arabia e dos *kknana-i-moug* turquestanicos, recém-descobertos e descritos ⁽¹⁾, que mais semelhança têm com as *cabanas*, do que por exemplo os *nuraghi* sardos, que são verdadeiros fortins de plano circular ⁽²⁾ e grandes dimensões.

Mas tudo isso nos levaria muito longe. Em meu entender o que podemos estudar, e como mera curiosidade, são as possiveis relações entre os monumentos arcaicos do mesmo genero *simplificado* e os nossos. A simplicidade é de facto tamanha, que dada a semelhança

geologica das regiões nada nos impede de admitir que qualquer povo, em qualquer estadio de civilização, estivesse á altura de levantar as pequenas construções quadrangulares ou circulares das *cabanas*.

Construidos pelo processo das casotas, encontramos alguns monumentos preistoricos de Portugal, os *tholoi* de Alcalá (Algarve) ⁽³⁾ e os do Monte da Pena (Barro-Torres-Vedras) ⁽⁴⁾ e vale de S. Martinho (Cintra) ⁽⁵⁾, que pertencem todos nitidamente a epoca calcolitica (da transição da pedra para o metal), notaveis alem do mais por ser neles e monumentos congeneres

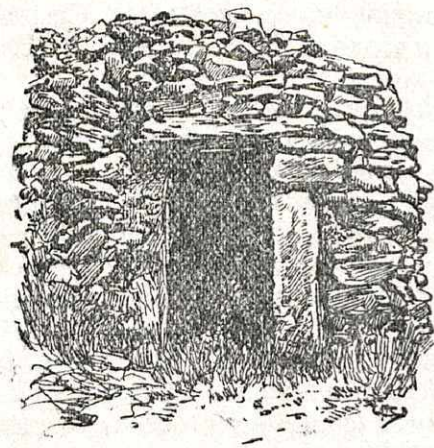


Fig. 4 — *Cabana* de base circular e tronco cilíndrico.

que aparecem os cilindros de calcareo, idolos primitivos, rudimentarmente antropomorficos.

Em todos a edificação é redonda, de pedra seca, coberta por uma abobada de lages em sacada, aguentada por vezes no fecho

⁽¹⁾ «Bul. et Mem. de la S. d'Anthr. de Paris». — Tomo V, Fasc. I, 1914 — «Les monuments cyclopeens dans la Ferghana», pag. 7 a 10.

⁽²⁾ Por exemplo — Nuraghe di S. Barbara, presso Villanova Truschedda, Sardenha — Vid. Notizie degli Scavi di Antichita — Accademia dei Lincei 1903, pag. 493.

^(3, 4 e 5). O «Archeologo Português», Vol. VII pag. 129; Vol. XIV, pag. 354; Vol. II, pag. 210.

sobre um pilar central, o que se tornava necessario para areas que atingiam seis metros de diametro.

Os nossos monumentos teem exemplares semelhantes para filiação e comparação, na arqueologia mediterranea, na Grecia, na Asia menor, nos Balkans, em Creta, na Italia, em construcções pré e post-micénicas. Seria alongar demais citar muitos dos que Schliemann, Tsuntas, Montelius e Evans desenterraram e descreveram; basta apontar nomes como Micenas⁽¹⁾, Hagia Triada⁽²⁾, Kirk Kilisse⁽³⁾, Sesto Fiorentino⁽⁴⁾, para se compreender as especies de monumentos a que me refiro.

*

Conhecida a existencia de *cabanas* em Portugal e no estrangeiro, a cada novo recanto da nossa terra que percorresse, havia de encontrar fatalmente exemplares delas. Assim se me depararam em Traz-os-Montes, na zona raiana de Portugal e Espanha, de Fregeneda á Barca d'Alva, perfeitamente circulares, um pedaço maiores que as de Assafarja; no Alentejo, de Marvão a Castelo de Vide, região raiana tambem, muito semelhantes em disposição e tamanho ás anteriores; na Estremadura, pelo concelho de Cintra, na aspera chapada de calcareos que começa ás faldas da Serra; e até mesmo ás portas de Lisboa, pelos montes que vão da Amadora á Dabeja. Em toda a parte são modernas, construidas do mesmo modo, e teem utilização afim.

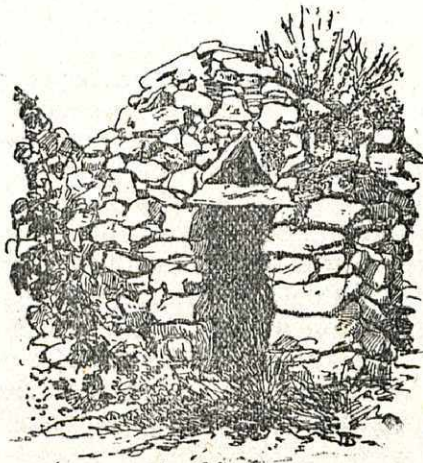


Fig. 5 — *Cabana* circular, com postigo sobre a verga da porta.

E não quero meter no numero destas *cabanas* as construcções todas de pedra, de base quadrada e teto cupuliforme, de maiores dimensões, que por serras de Traz os Montes e Minho (Marão, Suajo⁽⁵⁾ etc.), e ainda pela Beira, servem de curraes de gado, porque embora o sistema construtivo seja algum tanto identico, o destino é diverso e sua edificação mais cuidada.

O nome de *cabanas* conseguiu firmar-se no onomastico, em especial no Norte. Assim, com as variantes de *cabana*, *cabanas*, *cabaninhas*, *cabanelas*, *cabanões*, encontramos no «Dicionario Geo-

(1) «La civilization primitive en Italie». — Pl. 166, fig. 2.

(2) «Hist. de l'Art.» — Perrot et Chipiez. Tom. VI. — O tesouro de Atreu.

(3) «Le origini della Civiltà Mediterranea» — Angelo Mosso, pag. 65, fig. 43.

(4) «The Annual of the British School at Athens». — Vol. XVII, pag. 76,

fig. 1.

(5) «Sobrevivencias pitorescas de uma arquitetura arcaica» — nos Estudos do Alto Minho — F. A. Pereira, Viana, 1914, pag. 24, fig. 4.

grafico» do P.^e Luiz Cardozo, nada menos de 42 nomes, distribuídos 27 para a provincia de Entre Douro e Minho, 6 para Traz os Montes, 8 para Beira, e 2 apenas para a Estremadura, *cabanas do chão* e *cabanas das Torres*, no termo de Alemquer. É isto a meu vêr uma indicação preciosa da primitiva rudeza das habitações serranas.

Nos arredóres de Lisboa, pelas 3 leguas chegadas á Circumvalação, aparece uma construção de pedra solta, bastante curiosa, porventura o primeiro passo no sistema de edificação das *cabanas*. Sobre os cabeços basalticos e calcareos que desnivelam o Termo da cidade levantam os pastores para se protegerem da nortada, sempre aspera nos altos, um amontoado de pedras soltas, de mediana altura, que abrange nos 180 graus do seu desenvolvimento circular, o espaço bastante para um ou dois homens se deitarem ou encostarem confortavelmente, colhendo os palidos raios do sol inverno, enquanto o vento assobia com gana nas pedras cimeiras⁽¹⁾. Completo o círculo, coberto rudemente, estava feita a *cabana*, tal como a encontramos pelo país, mais perfeita e comoda, á medida que se afasta dos centros povoados, pois que então começa a representar de casa autentica e não já de abrigo temporario.

As grosseiras construcções de pedra seca, de Traz os Montes (Barca d'Alva, etc.) da Beira Baixa (Serra da Estrela, Castelo Branco), da Beira Litoral (C.^o de Coimbra), da Estremadura (Termo de Lisboa) e do Alentejo (Marvão-Castelo de Vide), interessantes pela sua rudeza evocadora de epocas primitivas, são mais uma nota pitoresca a aumentar a poesia da nossa Terra.

As da Assafarja, com cujos delicados e fieis desenhos o grande aguarelista Alberto Sousa quiz honrar e enriquecer este trabalho, pela sua vizinhança de Coimbra, servem alem de tudo o mais para demonstrar como os estadios de civilização, os mais perfeitos e os mais rudimentares, podem justapor-se e coexistir amigavelmente.

(¹) No «Museu Etnografico Portuguez» — Porto 1894, do Snr. Dr. Leite de Vasconcelos, lê-se a pag. 35 que «Nas serras da Extremadura os pastores fazem umas pequenas casas de pedra solta, que chamam *casolas*, e são sem telhado».